Anarquismo, Racismo e a luta de classes.
A educação acabará com o racismo?

De acordo com a elite reguladora na África do Sul o problema do racismo é basicamente ignorância. “A educação”, de acordo com Barney Piyata da Comissão dos Direitos Humanos, “acabará com o racismo”.
Este argumento soa bem, mas é enganador. Importante é que este ponto de vista ignora o papel do sistema capitalista em inventar e perpetuar o racismo. Desde o aparecimento do capitalismo em 1500, cometeu muitos crimes contra a humanidade. Mas muito poucos desses crimes são piores que o racismo. Talvez por isso, Pityana, como defensor do capitalismo e das políticas de privatização, quer esconder a roupa suja do capitalismo com o seu stress na educação.

Capitalismo e escravatura
O capitalismo desenvolveu-se como um sistema mundial de exploração de trabalhadores, escravos e camponeses, pretos, castanhos, amarelos e brancos. No período inicial do capitalismo em 1500 e 1600 o capitalismo centrava-se na Europa Ocidental e Américas.
Nas Américas, vastos sistemas de plantações foram criados. Baseados na escravatura, eram empresas capitalistas de exportação de bens agrícolas para a Europa.
Foi no sistema da escravatura que as raízes do racismo se encontram. Nas palavras de Eric Williams “**A escravatura não apareceu do racismo, o racismo é que é consequência da escravatura”**. No inicio, as plantações com escravos não eram organizadas por linhas raciais. Apesar dos primeiros escravos das colónias espanholas na América eram geralmente americanos nativos, a escravatura era restrita aqueles que não se convertiam ao cristianismo.
Os nativos americanos eram seguidos de brancos pobres embarcados na Europa. Muitos destes trabalhadores eram escravizados por um período de tempo que podia ir até aos 10 anos. Outros eram condenados por “crimes” como roubar roupa ou eram prisioneiros de guerra da resistência em áreas como Irlanda e Escócia.
Existe também um grande número de escravos europeus, um número foi raptado e vendido.

As condições para estes escravos na “Middle Passage” (viajem através do Atlântico) para os infelizes servidores e escravos eram, nas palavras de William´s, tão mau que eles deviam “afastar qualquer ideia que os horrores do navio de escravos eram só para os negros”
Mais de metade dos imigrantes Ingleses para as colónias na América eram servidores sem liberdade, e até 1960 havia mais brancos não livres nas plantações da América do Sul que escravos negros.

Escravatura e racismo
Foi em 1600 que as primeiras ideias racistas surgiram.
Em 1600 e 1700 o comércio de carne humana, mudou das Américas e da Europa…para África. A principal razão para esta mudança para a escravatura africana não foi racismo, mas sim o facto que os escravos africanos eram mais baratos e mais disponíveis.

A elite africana que hoje esconde a sua culpa sob uma capa “anti- racista” activamente colabora no rapto e venda de camponeses africanos ao mercado capitalista.

“O comércio era… africano até atingir a costa. Só numa rara escala estavam os europeus directamente envolvidos em arranjar escravos, e isso muito largamente em Angola.”7

Em 1600, a pressão criada pela revolta dos escravos e movimentos radicais de libertação na Europa, levou os donos de escravos a inventar a ideologia racista. Um dos mais importantes donos de escravos eram os “os ingleses donos de plantações de açúcar nas Caraíbas, e os seus contactos em Inglaterra, que utilizaram diferenças físicas para desenvolver o mito que os negros eram inferiores e não havia mal em escraviza-los: “aqui está uma ideologia, um sistema de falsas ideias servindo o interesse da classe.”8

O racismo, foi inventado para justificar um longo sistema de escravatura para combater a resistência dos trabalhadores na Europa e Américas por direitos e deveres iguais para todos os trabalhadores.
A escravatura dos Nativos Americanos foi justificada nos princípios das suas crenças “heathen”; A servidão europeia foi justificada como sendo um grupo de classe inferior; a escravatura Africana foi justificada através do racismo.
As pessoas que ganhavam com a escravatura não eram os europeus em geral, mas sim a classe reguladora da Europa ocidental. A classe reguladora africana também ganhou enormes benefícios.

Muitos brancos pobres foram escravizados, muitos fazendeiros brancos pobres perderam as suas terras e mercado para donos de escravos, que querendo mais terras, levou a que milhares de brancos pobres ficassem sem nada. A maioria de europeus nunca foi dona de escravos, só 6% de brancos eram donos de brancos na África do Sul em 1860.
A escravatura beneficiou o capitalismo, em descuramento dos trabalhadores da Europa, nativos americanos, e descendentes de África.

Raça e império
O racismo nasceu da escravatura do capitalismo. No entanto, de criado, desenvolvimentos mais tarde no capitalismo sustem e conduz esta criação da classe capitalista.
Solidamente estabelecido nas Américas e Europa em 1700, o capitalismo logo iniciou o aumento do seu interesse em expandir para a Ásia e África. Entre 1700 e 1900 a maioria da Ásia e África foram conquistadas e os governos capitalistas europeus invadiram, sedentos por lucros do comércio, trabalho barato e matéria-prima barata, e novos mercados para vender os seus produtos.
No período do imperialismo as ideias racistas eram usadas no serviço para justificar a conquista imperial e impor regras. Foi dito que os Africanos e Asiáticos eram incapazes de se governar e desenvolver por eles, e necessitam de ser indicados por forças externas, convenientemente isto quer dizer a classe reguladora da Europa Ocidental. (O Japão, que começou a sua caminhada para o capitalismo em 1800, usou o racismo contra os Coreanos).

Impérios não beneficiam os trabalhadores. Os lucros do império vão para a classe reguladora. Entretanto, os métodos e forças da repressão foram empregue contra trabalhadores nos países imperialistas (mais notável o uso de tropas coloniais para acabar com a Revolução Civil espanhola, vidas e matérias primas foram desperdiçadas em aventuras do império. Hoje multinacionais despedem e ganham ao deslocarem-se para países repressivos do 3º Mundo.

África do sul

Quando Jan van Riebeck chegou a Cape em 1652, ele fê-lo como enviado da Dutch East India Company. Em 20 anos, um sistema de escravatura foi implementado copiando o sistema das plantações nas Américas.

Em 1800 o crescimento dos interesses europeus na região era justificado por um aumento do imperialismo racista que escondia os seus interesses capitalistas, sob a capa de preocupação que era " Tirar a África da escuridão".

A Inglaterra apoderou-se do reino ZULU em 1879, Pedi em 1879, Botswana em 1885, Zimbabwe em 1890-3e a Suazilândia em 1902. Acabou com as conquistas ao derrotar as repúblicas africanas na Anglo-Boer War de 1899 1902. A Alemanha também entrou no acto com a conquista da Namibia em 1884, enquanto Portugal mantinha o controle em Angola e Moçambique. Foi neste período que o imperialismo inglês iniciou a criação das peças chaves do Apartheid se desenvolveram: leis de segregação, restrição ao comercio africano e trabalho imigrante barato.

Estes instrumentos do imperialismo foram refinados sob o National Party em 1948, que mostrou quanto útil é o racismo ao capitalismo.

A classe capitalista na África do Sul beneficiou de 300 anos de racismo, que ofereceu mão de obra barata negra.

Racismo moderno

Claramente o capitalismo deu á luz o racismo. O racismo ajuda e justificar impérios e a escravatura.

Com o colapso dos impérios europeu e japonês entre 1940 e 1970, as teorias racitas tornaram-se cada vez menos aceites.

Porque resiste o racismo nos dias de hoje?

Continua porque serve duas funções chave do capitalismo.

1º Permite aos capitalistas assegurar fontes baratas, desorganizadas, e exploradas de trabalho. Imigrantes e minorias nacionais são fontes de mão-de-obra barata que os capitalistas atiçam contra outras classes trabalhadoras.

2º o racismo permite ao capitalismo e á classe reguladora dividir e explorar as classes. Pelo planeta, biliões de trabalhadores e fazendeiros sofrem com o capitalismo.

O racismo é usado para construir barreiras dentro da classe operária, para ajudar a classe capitalista no poder.

Praxedis Guerrero, anarquista mexicano descreveu assim este processo:

“O racismo e o nacionalismo, claramente é manejado pelos capitalistas e tiranos, impede que as pessoas vivam lado a lado de uma maneira fraterna… Um rio, uma montanha, uma linha de pequenos monumentos são usados para separar e fazer inimigos, ambos a viverem com inveja e raiva um do outro devido aos actos de gerações passadas.”
“Cada nação pretende ser acima da outra de alguma maneira, e a classe dominante, os que dão a educação e a saúde da nação, alimentam o proletariado com a crença de uma estúpida superioridade e orgulho de tornar impossível a união daqueles que estão separadamente a lutar para se libertarem do capitalismo…

“se todos os trabalhadores das diferentes nações tivessem igual participação em todos as questões de importância social que afecta um ou mais grupos do proletariado estas questões serão prontamente resolvidas entre os trabalhadores.”

Imigrantes e neo liberais na África do sul
Trabalhadores, resumindo, é-lhes dito para culpar e odiar outros trabalhadores distinguindo-se por cultura, linguagem, cor da pele, ou outro pormenor arbitrário da sua miséria.
Um exemplo clássico é a escapatória acusando os imigrantes e refugiados “de roubarem os postos de trabalho e as casas”. Desta maneira a nossa raiva é dirigida a outros trabalhadores com o qual temos muito em comum, em vez de se dirigir aos capitalistas, que nada temos em comum. Um “aparente” interesse comum é criado entre os trabalhadores e os patrões de uma determinada raça ou nação.
África do Sul é um exemplo perfeito, a politica capitalista do ANC, privatização, cortes nas pensões, prova que o ANC é inimigo da classe trabalhadora. Devido á politica neo liberal do ANC, o legado do apartheid não só é relembrado como posto em prática. Os trabalhadores africanos e suas famílias, vítimas do apartheid, agora são as principais vitimas do neo liberalismo. Mas a nova elite reguladora, que é crescentemente multicultural, utiliza muito a carta da raça para fragmentar os trabalhadores e consolidar a classe reguladora. Seja o ANC,s Mbeki ou o DA,s Leon, o efeito é o mesmo: mais poder para o capitalismo, e cada vez menos chance de acabar com o legado do apartheid.
Portanto, os trabalhadores na África do Sul estão uns contra os outros e contra imigrantes. E os ricos ficam mais ricos, e o pobre cada vez mais pobre.

A nossa posição
Como anarquistas, opomo-nos ao racismo. O racismo não é só um crime contra a humanidade, mas também um ataque directo á classe trabalhadora. O racismo divide, aumenta o lucro dos capitalistas, e leva a ordenados mais baixos para todos os trabalhadores.
Os trabalhadores brancos americanos, não beneficiam da existência de uma minoria oprimida de trabalhadores americanos africanos que podem ser usados para cortes de salários, trabalho e condições de vida.
Portanto defendemos uma educação revolucionária contra o racismo como parte de um programa de desenvolver uma classe trabalhadora não racista, internacional, anti-nacionalista capaz de esmagar o capitalismo e os governos que dependem dele. Isto inclui todos os governos, incluindo Cuba e China.

Pretendemos a destruição do capitalismo e a criação de uma sociedade comunista libertária sobre a direcção da classe trabalhadora.

A fraude Nações Unidas

Como anarquista, consideramos a World Conference Against Racism das nações unidas uma fraude. Passarem tempo em hotéis de luxo, a elite mundial, os responsáveis directos pelo racismo, tem uma oportunidade toda paga para fazerem de campeões anti-racismo.

Estas elites, derivadas de todas as raças, senta-se e ouve com atenção as palestras sobre os males do racismo… algo que nenhum deles experimentou. O racismo é reservado para os pobres: a elite capitalista é protegida por advogados e dinheiro. AS NU são um clube de gente rica, não uma arma contra o racismo. Como o FMI, Banco Mundial e OMC, as NU servem como instrumento do capitalismo colectivo contra os trabalhadores e camponeses.

Reparar o mal feito

È extremamente difícil que reparar o mal feito seja conseguido sob o capitalismo.

O capitalismo sabe que se abrirem uma porta para reparar o mal da escravatura, têm de aceitar pedidos para mais reparações dos crimes do capitalismo.

Pelo mundo, o capitalismo verga a classe trabalhadora e os pobres através de aplicações de políticas neo liberais de privatização, cortes na educação, saúde e pensões, trabalho flexível, e mercado aberto.

È portanto difícil que a classe reguladora ocidental reverta o negócio e introduza, reformas sociais para os trabalhadores. O seu objectivo, por agora, é redistribuir a saúde dos pobres para os ricos.

Verdadeiras reparações dos crimes do capitalismo só serão conseguidas num sistema libertário. E sobre o comunismo libertário as elites capitalistas serão julgadas duramente pelos seus crimes, em vez de serem compensados pelo mal, com acontece hoje.

"O anarquismo não deriva de aspectos de reflexão de um intelectual ou filósofo, mas de uma luta directa entre trabalhadores e o capitalismo, das necessidades dos trabalhadores, das suas aspirações à liberdade e igualdade, aspirações que se tornam especialmente vivas no melhor período heróico da vida e luta da classe trabalhadora".The Organisational Platform of the Libertarian communists 1926